

# JORNALISMO E CULTURA: UMA ABORDAGEM CONTEMPORÂNEA

Márcia Eliane ROSA <sup>o</sup>

## RESUMO

O texto propõe uma reflexão sobre a abordagem de cultura tratada nos cursos de jornalismo cultural. A cobertura desta segmentação tem demonstrado superficialidade ao tratar o tema, restringindo as pautas à cobertura das artes. Focar a formação do jornalista cultural na compreensão da amplitude do conceito de cultura poderá expandir este universo, possibilitando uma abordagem contemporânea e abrir caminhos para novos olhares e novas tendências nas publicações culturais.

**Palavras-chave:** Cultura; jornalismo cultural; pluralismo cultural.

## ABSTRACT

*The text propose a reflection on the culture approach*

---

<sup>o</sup>Professora de Cursos de Comunicação Social (PUC-Campinas); pesquisadora no Grupo Comunicação na Sociedade do Espetáculo (Faculdade Cásper Líbero) e Coordenadora do curso de jornalismo (Faculdade Prudente de Moraes). Doutora em Ciências da Comunicação (USP); Mestre em Comunicação e Mercado (Faculdade Cásper Líbero) e Graduação em Comunicação Social Jornalismo (PUC-Campinas). e-mail: marciaer@terra.com.br

*discussed in the cultural journalism courses. The coverage of this segmentation has demonstrated superficiality when discussing the subject, restricting it to the arts coverage. Focusing the cultural journalist formation in the comprehension of the broad concept of culture will be able to expand this universe, making possible a contemporary approach and to open paths to new perspectives and new trends in the cultural publications.*

**Key words:** *Culture, cultural journalism, cultural pluralism.*

Os debates sobre jornalismo cultural tendem a tratar o tema desta segmentação abordando os diversos aspectos viciosos que a prática permite como a crítica inadequada, a repetição de pautas e a cobertura baseada nas agendas dos produtos culturais. Temas como o despreparo do jornalista, tanto na produção de textos como na formação intelectual, também são discutidos com o objetivo de buscar caminhos de mais eficiência na produção do material publicado em veículos culturais. A formação do jornalista é, primordialmente, a questão essencial para que sejam formadas bases mais consistentes na prática do jornalismo cultural, mas é necessário entender de que cultural estamos tratando.

As segmentações, de modo geral, como economia, política e muitas outras, nasceram da necessidade de se direcionar ou ‘zapiar’ um veículo de comunicação o que significa, conseqüentemente, segmentar público, anunciante e patrocinadores. No caso dos produtos intitulados como jornalismo cultural, as pautas estão ligadas às agendas culturais, ou seja, ao calendário de estréias de teatros, cinemas, publicações de livros, às artes, em geral.

Esta é uma compreensão de cultura que ainda faz a referência ao indivíduo culto do início do século passado, quando as artes eram determinantes para a representação de uma posição social e significavam o aprimoramento do espírito. A idéia de cultura, certamente, ainda está atrelada às artes, mas já passou por diversas mudanças e agregou outros significados. A imprensa, ou especificamente, o jornalismo cultural, despreza estas transformações e promove uma estagnação no recorte da

cultura quando foca apenas as práticas culturais (cinema, música, teatro, escultura, pintura, arquitetura, literatura).

È natural para um aluno de jornalismo ficar encantado com a área de cultura e ao desenvolver a prática, de forma viciosa, busca a cobertura da agenda e a divulgação dos produtos culturais. Proporcionar discussões sobre a cultura e compreender seu significado na imprensa é um caminho para ampliar a idéia e provocar mudanças nas produções dos futuros jornalistas culturais.

As escolas de ensino têm o papel de questionar as produções do universo mercadológico na busca de propostas construtivas, e não ativar, em sua atuação pedagógica, as práticas atuais como um círculo mecânico. Este papel acadêmico possibilita o diálogo entre escolas e mercado, desfazendo e reconstruindo novas práticas.

Buscar nas escolas de jornalismo a reavaliação do conceito de cultura para a imprensa é um caminho necessário para o entendimento da qualidade do que é produzido nas publicações culturais. A compreensão ampliada do conceito pode dar instrumentos para os alunos explorarem novos caminhos, ainda como experimentação nas escolas e conseqüentemente como tendências no mercado.

A cultura da contemporaneidade apresenta um conceito ampliado abrangendo a diversidade e os conflitos do multiculturalismo. Estas novas considerações nos alerta para a necessidade de estabelecermos e fortalecermos nosso entendimento sobre esse termo. A partir desta base, precisamos refletir com o aluno sobre as questões culturais que se sustentam na atualidade e que não estão estagnadas.

È necessário proporcionar caminhos para novos olhares sobre a cultura e jornalismo. Ampliar a compreensão de cultura, na formação do jornalista cultural, possibilitará dimensionar melhor a área na qual ele trabalha e enriquecerá a cobertura nesta segmentação. Somente ampliando o entendimento do universo cultural é possível buscar contextualização dos fatos, a humanização das reportagens e conseqüentemente apurar o olhar singular do repórter, permitindo os textos autorais e a experimentação como forma prática de compreender as culturas. Certamente, este é um caminho para captar a cultura que está presente no nosso cotidiano como

um processo, um elemento em transformação.

### A CULTURA DO 'CULTO'

A busca de uma definição de cultura não tem sido uma incumbência muito fácil nos diversos setores da sociedade. Se nos voltarmos para a evolução histórica do termo, parece que partimos do mesmo ponto: na Europa, em meados do século 19, caracterizava-se culta a civilização que melhor pudesse desenvolver-se intelectual e espiritualmente.

De forma mais específica, a cultura estava ligada à sofisticação pessoal ou ao ato de cultivar o espírito. O possuidor de cultura teria supostamente acesso à educação, arte, literatura, etc. Nesse caso, cultura estaria agregada a um significado de valor: culto x inculto. O uso dessa compreensão contribuiu para propagar a idéia que sobrevive de que cultura é um complemento social ligado à educação e ao refinamento.

Do século 17 até o início do século 19, cultura pode ser tratada dessa forma, pois o conceito ainda estava ligado à idéia de aprimoramento social, quando ser culto significava ser educado e ter conhecimento dos costumes sociais de uma época. Parte-se do princípio, assim, de que adquirir cultura é, propriamente, o desenvolvimento intelectual e espiritual do homem.

Nesse período, a definição corrente para o termo, entretanto, diz respeito às atividades nos campos da arte, da literatura, da música, do teatro, da dança, ou de qualquer outra que expresse uma forma de organização social, não só como manifestação original e de característica exclusiva de um determinado povo, mas também de outros, num intercâmbio permanente, de experiências e realizações. A aquisição de cultura, desse modo, legitimava o indivíduo culto.

As definições de cultura e civilização referiam-se contrariamente à selvageria, ao primitivismo ou ao barbarismo. No entanto, essa idéia passou a ser contestada para que se pudesse distinguir cultura de civilização.

Gombrich (1994) questionou se todos os aspectos da vida civilizada progrediam em conjunto e criou um impasse no mundo das artes onde questões de relativismo cultural eram postuladas por pensadores da época,

e medir cultura por essa visão já era um procedimento refutado. "*Se a arte está inscrita na cultura, então temos que aceitar que culturas diferentes produzem artes diferentes*" (GOMBRICH, 1994, p. 15).

Esses questionamentos já começavam a desestruturar a idéia de que cultura e civilização poderiam ser consideradas iguais em seu conceito, quando se tornar culto, era civilizar-se. E o estudo da antropologia, no final do século 19, estabeleceu uma nova visão para a palavra cultura.

### A CULTURA DE TODOS

No século 20 ampliou-se a visão antropológica do conceito quando se passou a considerá-lo um conjunto de valores, costumes, crenças e práticas que formam a vida de um grupo específico. O método de estudo para a compreensão desses elementos na sociedade pode ser diferenciado, basicamente, nas formas descritiva e simbólica, com representantes teóricos distintos que exploravam e demonstravam a evolução dessa nova pesquisa.

Durante o período do avanço desses estudos e aplicação desses métodos no conhecimento das diversas sociedades, a palavra cultura passou a ser usada quase que de forma oposta à de civilização. Enquanto que, no século 19, civilizado significava aquele que pudesse ter contato com as artes, educação e bons modos. Sob esse outro aspecto, cultura poderia estar ligada diretamente ao tribal, àquela sociedade que não apresentava nenhum traço civilizador, ou seja, traços cosmopolitas. Enfim, era uma das culturas descobertas entre tantas outras nesse período, o que conotava a vida de selvagens, e não, de civilizados.

Com o desenvolvimento da industrialização, o foco de debate sobre cultura cercou-se do termo 'consumo cultural' que, inevitavelmente, estabeleceu divisões tais como cultura popular, cultura erudita e a cultura de massa ou indústria cultural. Surgiu a necessidade de preservação dessas diferentes "classes" culturais geradoras de diversas manifestações e artes. Assim também se acirrou o debate sobre democratização cultural que parece ser infinito quanto a uma definição consensual sobre os benefícios, ou não, da indústria no setor.

Caminhamos para a pós-modernidade que Garcia Canclini (2003) explica não se tratar da etapa que substitui o mundo moderno, mas uma maneira de problematizar os vínculos equivocados desse mundo. Nesse contexto, é apropriado abandonar a representação do processo cultural como oposição entre as culturas erudita, de massa e popular e pensar em outros processos como a hegemonia e o hibridismo que, ao contrário, recusam representações maniqueístas.

### A CULTURA DA DIVERSIDADE

Mesmo com toda a essência que a definição antropológica traz consigo, existem elementos que são considerados mundanos demais e outros pouco representativos (EAGLETON, 2001). Assim, Eagleton nos alerta para a idéia de que a visão antropológica do termo cultura não consegue abranger o conceito em tempos atuais, ao lidar com uma diversidade de culturas em contextos que implicam situações de globalização e multiculturalismo.

Teixeira Coelho também entende que esse conceito antropológico de cultura no qual inclui as crenças, a moral, a arte, enfim, costumes e atitudes adquiridas em determinada sociedade, propõe uma definição muito universalista e operacional de compreensão do mundo, enquanto que cultura precisa ser transformadora (TEIXEIRA COELHO, 2004).

Porém, estas novas considerações sobre cultura também trazem questões conflituosas. Eagleton desenvolve a idéia de que conviver com o **multiculturalismo** deixa a cultura em risco, ao estabelecer um padrão universal para a sociedade, ou quando interfere no particular. O autor atribui valores morais à questão: “*Ou seja, a cultura tem sido parte da solução e do problema*” (EAGLETON, 2003, p. 64).

Dessa forma, o favorecimento social e econômico para o convívio das culturas, através da globalização, permitiu o surgimento de um cenário conflitante, onde é necessário organizar e criar formas “civilizadas” para compartilhar espaços, mas que, necessariamente, esbarra na questão da identidade dos indivíduos.

Ao tratar a questão de identidade é oportuno referirmo-nos à idéia de Garcia Canclini de que a globalização uniformizando todo o mundo é falsa, e que a crítica aos modos “mundializados” deve ser moderada para que não nos deixe obtusos e, então, deixemos de participar do processo.

Garcia Canclini ainda propõe que diferenciemos cultura de identidade. Assim, as identidades locais não são imaginadas como opostas à globalização o que nos eliminaria da postura de defender a identidade ou globalizar-se. E no campo da globalização, Canclini propõe a combinação de práticas e culturas socioculturais com o objetivo de criar um novo modo de vivência, que é a **hibridização**, uma proposta que o autor vê como possível no campo da cultura, onde as diferenças podem ser respeitadas, mesmo que os elementos se entrelacem.

A presença do multiculturalismo e da hibridização ilustra o universo de cultura pluralizada. Esse cenário provocado pela globalização, que mostra conflitos cotidianos entre o universal e o particular, apontado por Eagleton, ou Local e Global, como trabalha Canclini, permite-nos perceber as diferenças, ou seja, a **diversidade cultural**.

Sob os efeitos da globalização, depois da década de 60 do século 20, percebemos que a cultura amplia sua atuação de operacional e funcionalista para um instrumento transformador através de ações atuantes no campo da diversidade cultural. O olhar é para um processo cultural que pode estabelecer formas de um convívio saudável entre as culturas.

O filósofo francês Francis Wolf [1] faz uma leitura contemporânea da idéia de civilização e afirma que o melhor caminho é não só distanciar-se dos antagonismos como também não acreditar que civilização é o contrário de barbárie.

Essas compreensões da idéia de cultura que abordam **multiculturalismo, hibridização e diversidade**, apontam para a complexidade deste universo e demonstram como a imprensa, ao abordar temas culturais no seu histórico de jornalismo cultural, tem demonstrado grande superficialidade, com exceção de alguns movimentos particulares.

Estes elementos da cultura precisam ser debatidos como bases para compreensão do universo que estamos lidando. A formação do

aluno em jornalismo cultural precisa agregar estas questões e ampliar as possibilidades de retratar a cultura na imprensa. As publicações culturais necessitam expressar os elementos da cultura, mesmo que conflitantes; precisam mostrar sua evolução e, não, uma estagnação proposta por regras viciadas. Nelas devem estar presentes a diversidade e a pluralidade da cultura.

## UM OLHAR SINGULAR E HUMANIZADO

Partindo desta base de compreensão, o jornalista cultural pode desenvolver características profissionais de amplitude, ousando o texto autoral e a experimentação nas coberturas das reportagens culturais. A presença do repórter neste processo é o que torna a prática jornalística singular, apontando aspectos distintos e integrantes no extenso universo cultural em que vivemos.

É certo que um dos diferenciais deste trabalho de compreensão do universo cultural aparecerá no texto, facilitando a presença de vida nas reportagens e desenvolvendo um lado social e humanizado em que a sociedade e o homem são os principais focos.

A segmentação cultural, nos jornais, revistas e meios eletrônicos tem um grande apelo mercadológico ainda voltada para os roteiros de produtos culturais. Com a visão ampliada de cultura é possível proporcionar uma leitura crítica e mais próxima da sociedade, abarcar a idéia de cultura de forma mais abrangente e, ao mesmo tempo, sem restrições na sua pluralidade.

É possível observar que, na cobertura atual do jornalismo caracterizado como cultural, a liberdade de pauta e o trabalho de reportagem estão sufocados pela ordem do mercado. Ao aprimorar o conhecimento sobre cultura na sua formação, o jornalista cultural poderia ter mais instrumentos para driblar o papel de correia de transmissão de uma indústria determinante do que deve ou não ser publicado. Poucas são as vezes em que os veículos conseguem apresentar alternativas para o consumo cultural, ou mesmo, alternativa de um produto jornalístico empenhado em apresentar algo novo, mesmo que seja de produtos massificados.



A discussão sobre a busca do bom jornalismo cultural limita-se, muitas vezes, em trazer o novo à frente da agenda cultural como serviço e antecipá-la. Talvez fosse oportuno, porém, pensar em buscar o texto de reflexão e interpretação e valorizar algumas das características, onde o jornalismo humanístico, capaz de absorver as negatividades e positivities dos fatos, prevaleça, e a cultura se integre e se relacione com outros setores do cotidiano.

O que nos norteia como compreensão para cultura em jornalismo também são as relações humanas desenvolvidas na sociedade de maneira contínua e transformadora. Elas aparecem, muitas vezes, sob o foco cultural, ou seja, sob os aspectos conflituosos do multiculturalismo. Com essa compreensão de cultura, o jornalista ficará mais preparado para as diversas práticas de captação da informação.

O trabalho jornalístico de experimentar as situações, e depois reproduzi-la na construção de texto descritivo, pode enriquecer o texto e resgatar um universo importante da cultura. O jornalista que compreende a amplitude do conceito de cultura poderá ousar no procedimento de contextualização dos fatos, vivenciando situações. Assim, o repórter toma o lugar de sujeito e passa a integrar o ambiente que busca reportar para o leitor.

A vivência pode facilitar o trabalho de captar aspectos tão singulares da cultura e permitir a presença o olhar particular do jornalista cultural. Nesse processo, o narrador passa a ser o jornalista que narra e descreve acontecimentos que puderam ser experimentados e não somente narrados por outros ou apenas observados. A própria observação passa por um processo diferenciado nesta prática.

O jornalismo cultural da atualidade poderia, desse modo, reconstruir a atmosfera do imaginário de um momento histórico, ao considerar, na elaboração de reportagens, a cultura de uma época em todos os seus aspectos, em sua pluralidade.

O sentido amplo da abordagem cultural representada nesta proposta está distante do que é captado pelos veículos impressos da comunicação em tempos atuais. A ideia de industrialização editorial da cultura e a segmentação jornalística, que se fortaleceu na década de 80 do século

passado, direcionaram e padronizaram a leitura desse universo, moldando a produção do texto. A prática de adotar artes e espetáculos como únicos elementos culturais tornou pouco nítida a visão da cultura que fica restrita quando não permeia outros espaços do cotidiano e não estabelece relações com problematizações contemporâneas.

### NOTA

[1] Francis Wolf, em entrevista para o jornal Hora H, em Ijuí, no Rio Grande do Sul, em 18 de setembro de 2003.

### REFERÊNCIAS

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégicas para Entrar e Sair da Modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2003.

EAGLETON, Terry. *La idea de cultura: una mirada política sobre los conflictos culturales*. Barcelona: Paidós, 2001.

\_\_\_\_\_. *A idéia de cultura*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

GOMBRICH.E.H. *Para uma história cultural*. Lisboa: Gradiva, 1994.

TEIXEIRA COELHO, José. *Nem tudo é cultura*. 2004 (Circulação restrita autorizada pelo autor).